

# Manéco Músico

J. Castro Mendes

Com bem organizado programa de festividades, Campinas a 19 de março de 1970, irá comemorar o centenário da ópera Guarani do maestro conterrâneo Antonio Carlos Gomes, vitoriosa no Teatro La Escala, de Milão, onde subiu à cena em 1870. Data de grande significado para a arte do Novo Mundo, não poderia mesmo deixar de ser comemorada com o maior entusiasmo, evocando de maneira condigna o glorioso feito do jovem artista, cujas obras muito elevaram e engrandeceram a musica lirica em nosso País.

Nome que não poderá ser olvidado no transcurso daquelas festividades, será o de Manoel José Gomes, pai de Carlos Gomes, e seu primeiro mestre na arte dos sons, falecido em 1868, sem ter conhecido o êxito do Guarani que deu a seu filho merecida notoriedade.

Natural de Parnaíba, aqui chegava êle em 1809, passando a exercer entre outros misteres o ensino musical como bom conhecedor de vários instrumentos que era. Lecionando a inumeros discípulos, formou a primeira banda orquestrada então florescente Vila de São Carlos, corporação disciplinada, que mereceu elogios do jovem imperador d. Pedro II por ocasião da sua visita em 1846, a esta cidade. Sobre a personalidade artística de Manoel José Gomes, cumpre notar que não se tratava de um simples curioso ou amator. Seus conhecimentos musicais eram sólidos, estendendo-se à prática da regência e composição.

Seu filho José Pedro de Sant'Ana Gomes que apenas recebeu os ensinamentos paternos, foi um dos mais completos musicistas que já tivemos, artista de invulgares qualidades, regente, extraordinário violinista, e autor de inumeras composições de elevado teor musical, quartetos, sonatas e duas óperas.

A respeito dos métodos de ensino usados pelo velho mestre assim se referiu uma folha local: "Imaginem o que seria uma aula do Maneco Musico. Penetrava-se no recinto e, ali, a audição era perturbada por uma tal variedade de sons, aturados somente por aquêles que tivessem a obrigação de o fazer. Um mixto de acordes de flautas, clarinetes e trompas, executados por principiantes que estudavam seus exercícos, outras escalas, e outros já uma valsinha, acrescentando-se a isso os estudos de solfejo!

Artistas e maestros de companhias que aqui aportavam, não escondiam a sua admiração por encontrar numa pequena cidade do interior uma orquestra que superava em muito outras que atuavam em centros maiores e mesmo na Capital. Maneco Musico, dinamico e incansável, além de suas obrigações locais que eram inumeras, ainda encontrava tempo para lecionar em localidades vizinhas. Frequentemente era visto a cavalo com o filho Tonico na garupa, percorrendo as estradas, a serviço de seu apostolado artístico. Nos dias de festas religiosas, envergando casaca cor de rapé com botões amarelos, óculos brancos, e sobraçando musicas, dirigia-se para a Matriz onde comandava a orquestra, executando peças de sua composição. Discipulo que foi do notável André da Silva Gomes, mestre capela da Sé Paulistana, deixou sobejas provas de sua capacidade nesse ramo de composição. No Museu do Centro de Ciências encontram-se mais de cem manuscritos de sua autoria, originais datados, com mais de um século. São missas, ladainhas, motetes, officios de defuntos, semanas santas completas, arranjos sobre motivos de óperas e peças eruditas, além de marchas, dobrados, hinos, etc..

Manéco Músico foi casado quatro vezes. Da primeira união não teve descendentes. Da segunda, foram quatro os filhos, sendo o mais velho Manoel José, apelidado Inhô, excelente flautista, e inspirado compositor do qual o Museu do Centro de Ciências também possui alguns originais. Do terceiro casamento com Fabiana Maria Cardoso nasceram José Pedro de Sant'Ana Gomes e Antonio Carlos Gomes, figuras de excepcional grandeza no mundo das artes, e da quarta união foram oito os rebentos, entre os quais as eximias pianistas Joaquina Gomes e Ana Gomes. Filhos e netos desse varão ilustre, tornaram-se artistas notáveis cujas vitorias tanto enobrecem o renome cultural não só de Campinas como do Brasil.

Ao falecer em 1868, dois anos antes de Carlos Gomes glorificar-se no Scala, de Milão com O Guarani, Manoel José Gomes deixava um claro imprenchível, tornando-se merecedor de honras postumas e do reconhecimento dos campineiros pelo muito que fez. Seus amigos e admiradores, na ocasião do luttuoso acontecimento, enviaram um pedido à Câmara Municipal solicitando que se desse o nome do ilustre artista ao antigo Bêco das Casinhas (atual rua General Osório) onde êle residiu durante muito tempo.

Infelizmente não vingou a sugestão, pois ligaram-lhe o nome a uma rua modesta de bairro, simples homenagem a quem merecia ter sido perpetuado num bronze em praça pública, reconhecimento da cidade que pelo seu trabalho tornou-se conhecida como a Terra da Arte.